

## *O LEGADO ÁRABE DE ABD AL-RAHMAN NA PENÍNSULA IBÉRICA*



*Abd al-Rahman - o Falcão dos Coraixitas - já governava a Andaluzia havia quase um quarto de século quando Carlos Magno arremessou seu poderoso exercito para o outro lado dos Pirineus, no verão de 778. O emir tinha sido pego de surpresa. Qualquer ideia seria que ele fizesse dos rudes infiéis a leste dos Pirineus ganhava cores com a suposição bem justificada da superioridade cultural e da paridade militar. Ele e seus andaluzes nunca tinham atribuído importância muito grande a Moussais-la-Bataile, o Balat al-shuhada ('caminho dos mártires') de 732.*

*De acordo com a leitura da historia feita pelo Falcão, a vitória de Carlos, o Martelo, foi uma aberração de curta duração que deveria ter sido vingada por um jihad revigorado. Ainda assim, a mente analítica do emir deve ter compreendido por que e como tinha surgido essa ameaça inesperada e grave, vinda da terra dos descrentes no final da década de 770. Ele culpava os califas abássidas - que chegaram ao poder por cima dos ossos queimados de seus ancestrais - pelo fato de o Dar al-Harb não ter avançado para o outro lado dos Pirineus depois de 740. Nenhuma eminência omiada teria pensado de outra forma a respeito daquela época de confusão que se iniciou com a década de 740 no Magrebe e no Coração iraniano. O ummah havia sofrido uma ruptura exatamente no momento em que os cristãos da Grande Terra ainda estavam vulneráveis a ataques. Sem essa pausa no jihad, nenhuma invasão franca como a incursão carolíngia em peso poderia ter ocorrido. Foi essa pausa que salvou a civilização como os "euro penses" viriam a conhecê-la.*

*As coisas nunca mais seriam as mesmas depois de Roncesvalles. Galegos e bascos partiram para a ofensiva, de acordo com al-Masudi, e arrancaram dos muçulmanos as cidades localizadas próximas às fronteiras dos francos. Perturbações que se seguiram a invasão ficariam mais profundas à medida que o século VIII se desenrolava. O nacionalismo basco, em termos anacrônicos, tinha se inflamado. A agitação entre as populações cristãs do emir estabelecidas acima dos dois grandes rios a norte e a leste, o Duero e o Ebro, era, em longo prazo, um mau-agouro para a estabilidade das fronteiras. Havia exemplos suficientes de cristãos passando para o lado dos francos na Marca Superior e também no sudeste, a ponto de induzir certa cautela entre os muçulmanos depois de cerca de setenta anos de mando sem contestação e razoavelmente sutil.*

*Só houve alguns poucos casos de perseguição religiosa de fato, mas uma era de policiamento mais atento aos cristãos das fronteiras tinha se iniciado. Os muçulmanos começaram a desconfiar mais de seus súditos cristãos e se tornaram um pouco mais imperiosos em suas negociações intercrenças. Infelizmente para a saúde do emirado, os muçulmanos da Marca Superior continuaram profundamente desconfiados e ressentidos com o comportamento dos cordoveses.*



*As coisas nunca mais seriam as mesmas depois de Roncesvalles. Galegos e bascos partiram para a ofensiva, de acordo com al-Masudi, e arrancaram dos muçulmanos as cidades localizadas próximas às fronteiras dos francos. Perturbações que se seguiram a invasão ficariam mais profundas à medida que o século VIII se desenrolava. O nacionalismo basco, em termos anacrônicos, tinha se inflamado. A agitação entre as populações cristãs do emir estabelecidas acima dos dois grandes rios a norte e a leste, o Duero e o Ebro, era, em longo prazo, um mau-agouro para a estabilidade das fronteiras. Havia exemplos suficientes de cristãos passando para o lado dos francos na Marca Superior e também no sudeste, a ponto de induzir certa cautela entre os muçulmanos depois de cerca de setenta anos de mando sem contestação e razoavelmente sutil.*

*Ahmed ibn Mohammed al-Makkari (Maggari), o indispensável historiador de al-andalus, ofereceu uma avaliação melancólica a respeito desse período fundamental: "Enquanto os muçulmanos de al-Andalus assim se revoltavam contra seu soberano e se esforçavam para derrubar seu império, o povo da Galícia ia reunindo forças e seu poder cresceu muitíssimo. A migração cristã para fora da Aquitânia e da Septimania, anteriormente insignificante, acelerou-se muito depois que os francos de Carlos Magno atacaram mais uma vez em 785 para capturar Girona, cidade estratégica catalã, localizada em um vale com população sefardita ampla e leal. A isso se seguiu um cabo de guerra territorial, com muçulmanos retomando e perdendo Girona e cidades menores da região. Forças cristas colocaram os muçulmanos na defensiva.*

*Enquanto isso, pressões carolíngias do nordeste estimulavam particularismo religioso e político nos pequenos reinos católicos de Astúrias, Castela, Leão, Aragão, Catalunha e em partes de Navarra onde a cultura e as instituições visigóticas sobreviveram além do alcance efetivo de Córdoba. Pouco mais de uma década depois de Roncesvalles. Afonso II (759-842), rei de Astúrias e neto do lendário Pelayo, guerreiro da resistência gótica, começaram a conduzir seu povo para o sul do vale do Duero.*

*Afonso, chamado de "o Casto", demonstrou mais iniciativa de construção de domínios do que uma longa linhagem de sucessores. Apesar de seus nobres se ressentirem de mover qualquer músculo monárquico. Afonso tinha acolhido a invasão de Carlos Magno e buscava fazer aliança com os francos. Assim, o resultado do acordo franco-abássida foi uma dupla calamidade muçulmana de consequências não intencionais: primeiro, a invasão franca estimulou um irredentismo visigótico incipiente que daria impulso a Reconquista, a retomada da península das mãos dos muçulmanos; segundo, o ataque carolíngio foi um ensaio para as cruzadas, que partiriam do Ocidente latino dois séculos depois.*

*Aos 47 anos, idade muito além da expectativa de vida média masculina na época, Abd al- Rahman não apresentava sinais de diminuição de capacidade intelectual ou física. Seus conselheiros finalmente tinham sido capazes de persuadir o emir a parar de passear pela cidade com sua chamativa galabia branca e seu turbante sem a companhia de guardas. Ele orava com seu povo na Mesquita de Sexta-Feira e com frequência fazia discursos do minbar. Abd al- Rahman agora passava boa parte do tempo em Rusafa, sua propriedade nas redondezas de Córdoba. Não sabemos quase nada a respeito de seus arranjos domésticos, sobre suas esposas ou o tamanho de seu harém. Uma das preferidas do emir sobreviveu apenas como nome: Da'ja, em O anel da pomba ou O colar da pomba (Tawq al-Hamama), o tratado do século XI, de Ibn Hazm, sobre o amor. Dois de seus três filhos - Suleiman, o mais velho, e Hisham - ocuparam o cargo de governador de província; o outro, Abd Allah, parece ter feito o papel de olhos do pai em Córdoba.*

*Pesquisa elaborada por: Carlos Navarro* 